

Representações sobre a adolescência: um diálogo entre Ciências Naturais e Artes

Quezia de Sousa Sabino

Universidade de Brasília
sabino.quezia@gmail.com

Delano Moody Simões da Silva

Universidade de Brasília
delanomood@gmail.com

Resumo

O presente artigo teve como objetivo construir uma identidade representativa da adolescência, na perspectiva dos estudantes, por meio de uma sequência didática interdisciplinar entre Ciências Naturais e Artes. Os dados apontaram que há muitos estereótipos a respeito da adolescência e que os estudantes trazem essas concepções para a sala de aula, não sendo neutras de significados. A abordagem interdisciplinar proporcionou um espaço de interação entre saberes distintos, onde os estudantes expressaram suas experiências, sentimentos, ideias, de forma a contribuir para o protagonismo deles.

Palavras chave: adolescência, corpo humano, interdisciplinaridade

Abstract

This article had a qualitative nature of study and aimed to build an identity representative of adolescence, from the perspective of students, through an interdisciplinary didactic sequence between Natural Sciences and Arts. The data pointed out that there are many stereotypes regarding adolescence and that students bring these conceptions into the classroom, not being neutral of meanings. The interdisciplinary approach as well as showed that interdisciplinarity enhances the teaching learning process by providing a space for interaction between distinct knowledge, where students expressed their experiences, feelings, ideas, to contribute to their protagonism.

Key words: adolescence, human body, interdisciplinarity

Introdução

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu artigo 2º, define como adolescente a pessoa entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 1990). Sob uma perspectiva biológica a adolescência corresponde à maturidade sexual, contribuindo assim para a reprodução da espécie, o que corresponde à puberdade (YOKOY, OLIVEIRA, RODRIGUES, 2014). Porém, para compreender a adolescência é necessário reconhecer como os aspectos socioculturais, que se transformaram ao longo do processo histórico na nossa sociedade, influenciaram no delineamento dos sentidos e significados dessa fase da vida. Sendo assim, a adolescência é integrada socialmente em decorrência de necessidades sociais e econômicas e de características

que vão se fomentando no processo, dessa forma temos a adolescência como um fenômeno social, criada historicamente pelo homem que significou essa fase a partir de fatos sociais que surgem nas relações (OZELLA, 2002).

O adolescente é um indivíduo de convívio social e histórico, ainda que ativo na sua produção de vida, já encontrou o mundo em dado desenvolvimento, que contribuí para a concepção da identidade do ser adolescente (PAES, SILVA, 2018). A fase da adolescência abrange características que perpassam desde a idade cronológica, os fatores biológicos e de interações sociais influenciadas pela cultura a qual o sujeito está inserido. Sendo pertinente investigar as percepções dos estudantes sobre a adolescência, fomentando assim, uma aprendizagem rica em significados e com sentido mais individualizado, a partir das suas experiências, conhecimentos e valores (MARINHO, 2014).

Tendo em vista que parte da adolescência se dá no espaço escolar é importante que a escola propicie acesso ao conhecimento científico, ou seja, a socialização do saber sistematizado, de modo que potencialize o desenvolvimento humano (SAVIANI, 2013; VIGOTSKI, 2007). Para favorecer o acesso e a integração de conhecimentos é necessária uma abordagem que fortaleça a criticidade e valorize a diversidade de saberes de forma a contribuir para a autonomia dos estudantes para se expressar e produzir sentidos que os levem ao protagonismo pessoal e coletivo (BRASIL, 2018), onde o processo de ensino e aprendizagem está para além da transmissão e memorização dos conteúdos. Propostas interdisciplinares dialogam com essa perspectiva integradora, pois facilita o diálogo entre as áreas do conhecimento, permitindo a ruptura de um ensino linear, descontextualizado e fragmentado (MOZENA, OSTERMANN, 2014). A abordagem interdisciplinar não se trata de um desdém das disciplinas, mas sim de um diálogo entre disciplinas de áreas diferentes do conhecimento em pé de igualdade, ingressadas com trocas recíprocas, tornando-se poderoso campo em construção (JAPIASSU, 1976; FOUREZ, 2003; FÁVERO, TONIETO, 2020). Uma forma de promover o diálogo entre disciplinas é utilizar artefatos pedagógicos, promovendo a contextualização do saber sistematizados do Ensino de Ciências (PINHEIRO; MELO, 2019).

Nesse contexto, insere-se a problemática de como o corpo humano é abordado no ambiente escolar. Apoiado no viés biológico, o corpo humano é ensinado de forma fracionada, apresentado pelos livros didáticos de maneira sistêmica, com funções e órgãos que leva a entender que são partes que não integra o todo e afasta-se da realidade cultural dos estudantes, uma vez que em sua maioria são corpos estereotipados, representado por um homem branco, padrão que não contempla a diversidade racial e de gênero presente no Brasil, bem como a pluralidade de comportamentos e estilos, não considerando a variedade cultural dos estudantes (OLIVEIRA, 2011; MORAES, GUIZZETTI, 2016; SOARES, VIÇOSA, PESSANO, FOLMER, 2018). Posto isso, uma maneira de promover o ensino interdisciplinar é a partir das questões sociocientíficas na perspectiva da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), que visam ações a partir de temas norteadores, considerando o letramento científico e as questões sociais que envolvem a vida dos docentes e discentes que supere a tendência tecnicista e tradicional (CONRADO, NUNES, 2018). Para superar a limitação acima apontada, o Ensino de Ciências deve estar comprometido com a pluralidade cultural que permeia a estrutura social brasileira.

Dessa forma, o presente artigo objetivou construir uma identidade representativa da adolescência, na perspectiva de estudantes do 8º ano, por meio de uma sequência didática interdisciplinar entre as disciplinas de Ciências Naturais e Artes.

Metodologia

A abordagem metodológica dessa pesquisa foi qualitativa por considerar a individualidade de cada participante, permitindo uma maior flexibilidade no entendimento do evento estudado

(SAMPIERI, LÚCIO, 2013). Para isso realizou-se uma intervenção interdisciplinar como prática do Estágio Supervisionado em Ciências Naturais em seis turmas do 8º ano de uma escola pública do Distrito Federal, localizado na cidade de Sobradinho. As atividades desenvolvidas com as seis turmas foram divididas em três momentos: 1º Realizou-se a construção de um mapa mental com o objetivo de identificar as percepções e concepções dos estudantes sobre a adolescência e as transformações no corpo. O mapa mental foi construído em conjunto com a turma a partir das respostas dadas pelos estudantes das questões: O que é a adolescência e a puberdade; Como vejo meu corpo ao longo da minha vida; E a família, os amigos de vocês o que falam sobre a adolescência; Todas as respostas foram anotadas no quadro branco. 2º A turma realizou uma atividade de construção de texto continuada com o objetivo dos estudantes definirem a adolescência a partir da suas experiências. A estagiária anotou “adolescência é...” em uma folha e passou para que os alunos completassem, ao terminar passava para o próximo continuar a frase a partir da ideia anterior, podendo reafirmá-la ou desconstruí-la; Esse momento permitiu que os discentes pensasse a respeito da realidade do outro. 3º Os estudantes realizaram uma atividade de pesquisa que objetivou analisar as representações sociais da adolescência na internet. Os alunos pesquisaram no Google.com por “adolescente” e pelo projeto “A girl and her room” da Rania Mattar. Após a observação das imagens iniciou-se uma roda de conversa com algumas questões: Vocês se sentem representados por essas imagens; Qual classe social, raça elas pertencem; A adolescência se dá de forma igual para todos.

Ao final dessas atividades e da revisão das técnicas de artes sobre proporções do corpo humano, os estudantes em grupo construíram um mural. A coleta de dados se deu através de anotações em um diário de campo da pesquisadora e do texto construído pelos estudantes, bem como a realização do mural.

Resultados e Discussão

No primeiro momento da intervenção nas aulas de ciências foi possível verificar algumas das concepções dos estudantes através do diálogo e da construção do mapa mental. Quando questionados a respeito de como eles se identificavam, as respostas eram: transição entre a infância e a adolescência ou adolescência. A atribuição à infância era justificada pelo fato de ainda haver brincadeiras, piadas, já em relação à adolescência sempre era voltada à: maturidade, responsabilidade. A seguir alguns dos comentários:

“Eu me vejo como adolescente porque já posso ir à padaria sozinho, isso significa que tenho maturidade pra sair sozinho.”

“Eu sou criança às vezes, porque faço piadas, brinco muito e zoo os amigos.”

“É um saco, começa a nascer pelo, a gente fica cheio de espinha, deve ser porque como fala os mais velhos, né, os hormônios tá a flor da pele.”

Através dessas falas é possível identificar como os estudantes compreendem o desenvolvimento humano sob um ponto de vista cultural e biológico. Cultural porque atribui significados, resultantes de um contexto histórico, ao entendimento de ser criança e ser adolescente e biológico por considerar mudanças que ocorrem na aparência física (MARINHO, 2014). Outro aspecto relevante que aparece é o estereótipo de que “adolescente é ter o hormônio a flor da pele” dando uma margem para justificar que tudo o que ocorre nessa fase é consequência da atuação dos hormônios, minimizando, assim, o papel da cultura e da sociedade nas vivências dos adolescentes (SOUZA, OLIVEIRA, RODRIGUES, 2014).

Na construção do texto “Adolescência é...” essas percepções dos estudantes aparecem com maior frequência:

“ter mais responsabilidade sobre seus atos e a si mesmo, é conhecer novas coisas e viver novas experiências.”

“correr atrás dos objetivos, estudar, conseguir um emprego.”

“é viver em sociedade, se enturmar, ter consciência do certo e o errado.”

Os estudantes demonstram que internalizam a compreensão social a respeito da adolescência, não sendo neutros de percepções, eles identificam e sinalizam o significado de maturidade e responsabilidade compartilhado culturalmente onde estão inseridos, assim, o papel da cultura é essencial na mediação dos processos de internalização dos significados compartilhados (OZELLA 2002; MARINHO, 2014; PAES, SILVA, 2018), compreendendo que estar em sociedade é assumir consequência dos atos, estudar e exercer função laboral remunerada. Outro aspecto que os estudantes trazem como fator determinante na adolescência são as mudanças no corpo e o que isso representa para os mesmos:

“irão aparecer as espinhas, os pelos, as diferenças, e por essas diferenças que muitos adolescentes são discriminados, discriminados pela cor, raça, cabelo enrolado, encaracolado.”

“é poder descobrir o próprio corpo, a masturbação.”

“é a fase do descobrimento do corpo, sentir atração pelo sexo oposto.”

Nessas frases é possível perceber que há uma sensibilidade para as mudanças biológicas que ocorrem no corpo e como isso se conecta com a sexualidade e a construção de identidade. Como educadores, é relevante identificar a importância das características do que é a identidade e a diferença. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais, fabricadas por nós nas relações pessoais e devido a fatores históricos se materializam pela cultura ocidental, marcada pela existência do homem branco e heterossexual (SILVA, HALL, WOODWARD, 2010). Ao mencionarem que faz parte da adolescência sentir atração pelo gênero oposto fica evidente que de um lado temos alguém na posição de diferença. O significado de se apaixonar pelo sexo oposto exprime a identidade cultural desse adolescente, assim, independentemente se estamos abordando a identidade (aquilo que sou) ou diferença (aquilo que o outro é), que é construída a partir de uma cultura, devemos aceitar que a verdade é plural, nós educadores em formação devemos estar atentos a toda possível discriminação para combatê-la com o respeito. Dessa maneira temos que o corpo, sozinho, não define uma identidade segura, já que nós nos desenvolvemos nas relações sociais, mas sinaliza mudanças orgânicas que são relatadas pelos estudantes, mencionando também a relação de prazer que se estabelece com o corpo, revelando assim, o autoconhecimento.

O 3º momento caracterizado pela roda de conversa, gerou uma construção mais sólida, apesar das semelhanças que ocorrem na fase da adolescência ela é diferente para cada um, em particular. Quando questionados se eles se sentiam representados pelas imagens pesquisadas, houve bastante comoção nas turmas, no sentido de se reafirmarem como diferentes, ainda que de um ponto de vista biológico, o nosso organismo é composto por sistemas, o exterior do corpo experimenta intervenções, como roupas diferentes, perfumes, tatuagens etc. A partir dessas considerações é possível inferir que essas diferenças não são valorizadas dentro do contexto escolar, no livro didático, bem como a abordagem dos professores não levam em conta as diversidades culturais, raciais e econômicas que fazem parte da realidade desses estudantes, o corpo humano da forma como vêm sendo ensinado foge dessa dimensão social, histórica e cultural, o que deixa os adolescentes distantes de uma visualização real do próprio corpo e das relações interpessoais mais sadias e de respeito mútuo (RAMOS, FONSECA, GALIETA, 2018).

Os estudantes buscaram nas técnicas de artes ferramentas que os possibilitassem representar a adolescência de acordo com suas vivências. Nas figuras de 1 a 3 podemos observar a variedade de tipos de cabelo e cores da pele, aspectos que refletem a diversidade racial e étnica presentes em nossa sociedade, e estilos diferentes de roupas e acessórios que demonstram particularidades culturais presentes no contexto desses adolescentes, representando, assim, esse ser que é biológico e também social.



Figura 1: 8º I



Figura 2: 8º I



Figura 3: 8º H

Considerações Finais

Nesse trabalho oportunizamos aos estudantes construírem uma representação da adolescência, de acordo com a vivência dos mesmos. Foi possível verificar que há muitos estereótipos a respeito da adolescência e que os estudantes trazem essas concepções para a sala de aula, não sendo neutras de significados. Desse modo faz-se necessário planejar atividades que contribuam para o rompimento desses estigmas dando voz aos próprios adolescentes. Considerando que parte dessa fase peculiar é vivenciada dentro do contexto escolar o professor deve estar atento para propiciar um espaço de diálogo que permita aos estudantes identificarem melhor essa fase, rompendo com os preconceitos e dando voz as diferenças. Recomenda-se que os professores, bem como toda a comunidade escolar esteja atenta e aberta para escutarem os estudantes e que viabilize um espaço de trocas entre as áreas do conhecimento.

Identificou-se que a atividade interdisciplinar potencializa o processo de ensino aprendizagem uma vez que possibilitou outras áreas do conhecimento dialogarem entre si para construir um espaço de interação onde os estudantes expressaram suas experiências, sentimentos, ideias, de forma a contribuir para o protagonismo dos estudantes. Tem-se que a prática pedagógica deve ser resultado de ações pedagógicas planejadas e conscientes, estas ações portanto, devem estar vinculadas às práticas sociais, uma vez que o mundo é constituído de forma integrada, cabe então à escola e ao professor, possibilitar espaços que priorizem um maior diálogo entre as áreas do conhecimento, dando oportunidade aos estudantes de se apropriarem dos elementos culturais para consolidar uma aprendizagem participativa e significativa que contribua para o processo de humanização dos indivíduos (SAVIANI 2013; FACCI, 2007), entretanto ainda é necessário novos estudos que abranjam melhor as contribuições da interdisciplinaridade no processo de ensino aprendizagem.

Agradecimentos e apoios

Agradeço aos participantes dessa pesquisa.

Referências

BISINOTO, C. Educação, escola e desenvolvimento humano: articulações e implicações para o ensino de ciências. *In: E. Guimarães; J. Caixeta (Org.). Trilhas e encontros: mediações e reflexões sobre o ensino de ciências.* Curitiba: Editora CRV, 2012. p. 11-31.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 03 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 03 set. 2020.

CONRADO, D. M.; NUNES-NETO, N.F. Questões sociocientíficas e dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais dos conteúdos no ensino de ciências. *In: CONRADO, D. M.; NUNES-NETO, N.F. (Orgs.). Questões Sociocientíficas: Fundamentos, propostas de ensino e perspectivas para ações sociopolíticas.* Salvador: EDUFBA, 2018.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. “Professora é verdade que ler e escrever é uma coisa fácil?” Reflexões em torno do processo ensino-aprendizagem na perspectiva vigotskiana. *In: MEIRA, M. E. M; FACCI, M. G. D. (Org.). Psicologia Histórico-Cultural: Contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação.* São Paulo: Casa do psicólogo, 2007. p. 135-155.

FÁVERO, A. A.; TONIETO, C. Mitos e potencialidades da interdisciplinaridade: reflexões sobre um tema emergente. *Acta Sci. Educ.* v. 42, jan/dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/38982/751375148941>. Acesso em: 20 out. 2020.

FOUREZ, G. Crise no ensino de ciências? **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 8, n. 2, p. 109-123, 2003. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/542/337>. Acesso em: 15 out. 2018.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber.** Rio de Janeiro: IMAGO EDITORA, 1976.

MARINHO, C. A. Concepções psicológicas sobre o desenvolvimento humano e o processo ensino-aprendizagem. *In: Bisinoto, C. (Org.). Docência na Socioeducação,* Brasília: Universidade de Brasília, 2014. p. 53-65.

MARINHO, C. A. Desenvolvimento de competências docentes. *In: Bisinoto, C. (Org.). Docência na Socioeducação,* Brasília: Universidade de Brasília, 2014. p. 39-52.

MORAES, V. R. A.; GUIZZETTI, R. A. Percepções de alunos do terceiro ano do Ensino Médio sobre o corpo humano. *Ciênc. Educ.*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 253-270, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v22n1/1516-7313-ciedu-22-01-0253.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

MOZENA. E. R., OSTERMANN. F. Uma revisão bibliográfica sobre a interdisciplinaridade no ensino das ciências da natureza. **Revista Ensaio**, v. 16, n. 2, p. 185-206, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epec/v16n2/1983-2117-epec-16-02-00185.pdf>. Acesso em: 03 de set. 2020.

OLIVEIRA, Priscilla Tayse da Silva. **Ensino do Corpo Humano – Abordagens dos Professores de Ciências no 8º ano do Ensino Fundamental em escolas estaduais de Planaltina de Goiás.** Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade UnB Planaltina, Brasília 2011.

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. *In*: KOLLER, S. H. (Org.). **Adolescência e psicologia: Concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 16-24.

PAES, P. C. D., SILVA, R. S. A emancipação humana e o caráter alienante das atividades socioeducativas. *In*: Bisinoto, C; Rodrigues, D. (Org.). **Socioeducação: vivências e reflexões sobre o trabalho com adolescentes**. Curitiba: CRV, 2018. p. 73-86.

PINHEIRO, Fernanda de Lima; MELLO, Ellena Maria Billig. Artefatos pedagógicos para o ensino de ciências no ensino fundamental: uma abordagem inovadora interdisciplinar. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 14, n. 2, p. 637-654, 2019. Disponível em: https://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID635/v14_n2_a2019.pdf. Acesso em: 03 set. 2020.

RAMOS, K. C. A. B.; FONSECA, L. C. S.; GALIETA, T. Visões sobre o ser humano e as práticas docentes no ensino de ciências e biologia. **Revista Exitus**, Santarém, v. 8, n. 1, p. 305-331, jan/abr. 2018. Disponível em: <http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/399/310>. Acesso em: 20 out. 2019.

SAMPIERI, R.H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, M del P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SASSERON, L. H. Alfabetização científica, ensino por investigação e argumentação: relações entre ciências da natureza e escola. **Revista Ensaio**, v. 17, p. 49-67, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epec/v17nspe/1983-2117-epec-17-0s-00049.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. São Paulo, Cortez: 2013.

SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SOARES, L. E.; E. de, VIÇOSA, L. C. S. C.; PESSANO, C. F. E., FOLMER, V. As Representações do corpo humano nos livros didáticos de ciências. **Góndola, Enseñ Aprend Cienc**, v. 13, n. 1, 55-72, ene/jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/GDLA/article/view/12018/pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

SOUZA, T. OLIVEIRA, M. RODRIGUES, D. Adolescência como fenômeno social. *In*: Bisinoto, C. (Org). **Docência na Socioeducação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014. p. 119-129.